Até na Antártida?

Luis viajou do Peru à Antártida em várias expedições. Em seu relato, conta como conseguiu manter as suas práticas de piedade neste continente, onde as condições climáticas são muito variáveis, situação mais difícil do que uma quarentena.

19/10/2020

Em 2014 parti pela primeira vez para a Antártida. Nesse ano tinha ido algumas vezes a um centro da Obra na cidade de Cusco (Peru), a convite de um sacerdote, embora pouco

antes tivesse muitas dúvidas e interrogações sobre o Opus Dei.

Contudo, antes de viajar consegui assistir a um recolhimento mensal e ficou gravada na minha mente uma frase que o sacerdote tinha comentado na meditação: “O que você conhece de São Josemaria?” E a verdade é que não o conhecia e fiquei com curiosidade de saber quem era realmente o fundador do Opus Dei.

Para saber um pouco mais levei para a Antártida como leitura complementar uma breve biografia de São Josemaria. Realmente, senti muita tranquilidade nessa viagem; não havia nada à minha volta, só os companheiros de viagem, além dos pinguins, focas e baleias, próprios da paisagem do Polo Sul. Também não havia rede de celular nem de internet; estávamos literalmente no fim do mundo e sem conexão com

nada, e assim pude aproveitar os tempos livres para conhecer um pouco mais de São Josemaria e da Obra.

Ao voltar daquela primeira viagem, comecei a questionar-me muito sobre os preconceitos que tinha contra o Opus Dei. Comecei a ir a um centro com mais frequência. Uma das coisas que mais me surpreendeu foi descobrir o plano de vida. Nunca tinha feito nada assim. Pouco a pouco fui conhecendo e adaptando-me a essas normas de piedade e sinto que cumpri-las é uma luta diária, mas também sinto que intensificam a minha fé e a minha proximidade a Deus.

Descobrindo a "missa seca"

Algum tempo depois voltei à Antártida antes do Natal. Antes da viagem, um membro da Obra falou-me da "missa seca", termo de que nunca tinha ouvido falar. A minha

dúvida era: como participar numa missa sem estar presente? Sem suspeitar que, pouco tempo depois, a pandemia iria ocasionar que, para milhões de cristãos se tornasse tão comum esta situação, tão dolorosa e real nos cinco continentes.

Ainda mais: como na Antártida não há sacerdotes, a ideia de uma “missa seca”, ficou pairando na minha mente, com mais dúvidas do que certezas.

Descobri que São Josemaria durante a guerra civil espanhola, quando estava proibida qualquer atividade religiosa sob perigo de morte, e estando escondido em diversos lugares de Madrid, revivia de cor a Missa, sem ter a consagração, que substituía por uma comunhão espiritual. Chamou esse modo de fomentar a piedade eucarística, com sentido de humor, de “missa seca”.

Chegamos à Antártida num dia 23 de dezembro. Houve muitos atrasos devido ao mau tempo. Quando finalmente chegamos, tivemos de ficar na base chilena, até as condições melhorarem para chegar à nossa base. Apesar de uma tempestade que durou dois dias conseguimos celebrar o Natal.

No dia seguinte, quando as condições melhoraram, saí para fazer uma caminhada. Na Ilha Rei Jorge, onde está a base que nos acolheu temporariamente, há duas igrejas: uma Ortodoxa Russa e outra católica. Dirigi-me à católica para rezar um pouco. A minha surpresa foi grande quando, ao lado de uma imagem de Nossa Senhora do Carmo, encontrei uma estampa de São Josemaria. Recordei o que me tinham comentado em Lima, sobre a “missa seca”. Abri o missal e, quase inconscientemente, comecei a seguir a Missa.

Devido às condições climáticas muito variáveis, durante o dia deve-se aproveitar ao máximo o tempo, não só para poder cumprir todas as tarefas programadas, mas também para poder acomodar o plano de vida. Durante as reuniões diárias de planejamento em cada noite davam os prognósticos do tempo para o dia seguinte. Isso permitia-me organizar o meu plano de vida entre as atividades que implicavam tarefas repetitivas (fazer valas, recolher cabos ou simplesmente caminhadas de reconhecimento do terreno) para poder fazer um tempo de oração e rezar o Terço.

O maior desafio foi viver a “missa seca”, procurar um lugar e tempo adequados para poder estar com Nosso Senhor, pelo que optei por procurar um período na tarde-noite, no qual não se pode sair do acampamento-base para poder ler a Santa Missa.

40 dias num navio

Este ano voltei à Antártida numa expedição de quarenta dias num navio.

Em terra, a vantagem é saber que ao fim da tarde você vai ter um tempo tranquilo antes de jantar e ter um momento de recolhimento com o Senhor. Mas dentro do barco no alto mar, trabalhamos 24 horas por dia, as condições são muito incertas, pelo que tive de me fazer um pouco mais flexível com o planejamento das normas e horários.

Desta vez precisei de um esforço um pouco maior, as condições de reclusão no barco, sobretudo quando temos de passar três ou quatro dias à espera de que a tempestade acalme e possamos continuar a navegar e com pouco espaço para circular, têm uma certa semelhança com as recentes condições de quarentena devido à pandemia.

Durante esses quarenta dias ajudou-me muito procurar a presença de Deus, bem como estar de bom humor e oferecer o trabalho. Fez bem não só a mim, mas também aos outros.

Rezar à Nossa Mãe para que nos proteja na viagem, pela nossa família que está longe, e para que o trabalho seja feito da melhor maneira, apesar das circunstâncias e adversidades, fazem não só com que nos sintamos melhor, mas também com que nos realizemos como filhos de Deus e de Maria. Pedir ajuda ao Anjo da Guarda para manter a serenidade foi o segredo.

Todas estas iniciativas espirituais que procurei viver durante os quarenta dias que durou esta viagem à Antártida num navio, procuro vivê-las também agora que estamos em quarentena devido à pandemia do COVID-19.

pdf | Documento gerado automaticamente de https://opusdei.org/pt-br/article/ate-na-antartida/ (11/12/2025)